

A EXTINÇÃO DAS ABELHAS, DE NATALIA BORGES POLESSO: SOLIDÃO E RESISTÊNCIA NOS VÁRIOS COLAPSOS DO NOSSO TEMPO

***A Extinção das Abelhas*, by Natalia Borges Polesso: solitude and resistance in the various collapses of our time**

Karen Larissa Martins dos Santos¹
<https://orcid.org/0000-0002-6438-0474> 

¹Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Programa de Pós-graduação em Estudos de Linguagens, Campo Grande, MS, Brasil.
79070-900 – ppgel.faalc@ufms.br

Resumo: Este artigo tem como objetivo analisar e examinar o romance *A Extinção das Abelhas* de Natalia Borges Polesso, lançado em 2021. Ambientada em um mundo pós-2020, a narrativa se desenrola em meio a uma série de colapsos que abrangem áreas como o meio ambiente, a alimentação e as relações interpessoais. Um elemento destacado é o “colapsômetro”, uma máquina única capaz de contabilizar os dias da Terra, sublinhando a gravidade da situação. O livro aborda temas como abandono, solidão, resiliência e a busca por conexões significativas durante a crise. Ademais, explora a complexidade da condição humana, transmitindo ideias e emoções por meio da narrativa elaborada pela autora. O romance fornece uma visão perspicaz da fragilidade da sociedade em um mundo à beira do colapso.

Palavras-chave: *A Extinção das Abelhas*; Solidão; Resistência.

Abstract: This article aims to analyze and explore Natalia Borges Polesso’s novel *A Extinção das Abelhas*, released in 2021. Set in a post-2020 world, the narrative unfolds amidst a series of collapses, encompassing areas such as the environment, food, and interpersonal relationships. A highlighted element is the “collapseometer”, a unique machine capable of tallying Earth’s days, underscoring the gravity of the situation. The book delves into themes such as abandonment, loneliness, resilience, and the quest for meaningful connections during the crisis. Additionally, it explores the complexity of the human condition, conveying ideas and emotions through the narrative crafted by the author. The novel provides an insightful perspective on the fragility of society in a world on the brink of collapse.

Keywords: *A Extinção das Abelhas*; Loneliness; Resilience.

Introdução

Nos últimos anos, a ficção científica tem explorado visões sombrias do futuro, como catástrofes e apocalipses, refletindo o medo do declínio da humanidade, temas recorrentes na literatura distópica. A pandemia da covid-19 trouxe desafios inéditos, revelando o comportamento da sociedade diante da crise. Em 2021, foram lançadas várias narrativas distópicas, como *O Último Gozo do Mundo* de Bernardo Carvalho e *O Deus das Avencas*

de Daniel Galera, que capturaram, literariamente, o sentimento global de medo e solidão provocados pela pandemia e o distanciamento físico, mas também atos de resistência e criatividade nas interações virtuais.

Entre essas publicações desse período, destaca-se *A Extinção das Abelhas* de Natalia Borges Polesso, ambientada em um mundo pós-2020 em colapso, localizado no sul do Brasil. A protagonista, Regina, uma mulher de 40 anos, órfã, encontra apoio em suas vizinhas Denise e Eugênia e amizade em Aline. Ela também mantém um relacionamento com Paula, uma professora universitária. Em linhas gerais, a narrativa explora as dificuldades ambientais, a escassez de recursos, a violência e as complexas relações interpessoais. Embora ficcional e distópica, este romance oferece, via literatura, compreender um momento vivido em 2020. Nesse sentido, aborda a complexidade da condição humana e transmite ideias e emoções por meio da narrativa criada.

Colapsômetro do nosso tempo

A covid-19, uma abreviação de Coronavírus Diase 2019, é uma doença respiratória altamente contagiosa causada pelo novo coronavírus, SARS-CoV-2. Em meados de dezembro de 2019, a China informou a Organização Mundial de Saúde (OMS) sobre o surto desta nova doença, que se assemelhava muito com a pneumonia. No início do ano seguinte, novos casos da doença foram registrados e sendo notificados fora da China, espalhando pelo mundo e desencadeando uma crise de saúde global sem precedentes. A doença tem como características sintomas respiratórios, como febre, tosse e falta de ar, sendo altamente contagiante.

Quando o primeiro óbito por covid-19 (acrônimo para Corona Virus Disease 2019) foi notificado no Brasil, em 17 de março de 2020, 20 dias após o registro do primeiro caso, a doença já havia sido declarada como pandêmica pela Organização Mundial da Saúde (OMS) e havia sido, em grande parte, controlada na China. A Europa acumulava mais de 64 mil casos e 3 mil mortes, sendo a Itália o país mais afetado. Naquele momento, autoridades sanitárias e governamentais do Brasil, assim como a maioria da população, já acompanhavam os avanços e os impactos da pandemia em outros países. (Barros, 2020, p. 02)

Como medida de proteção, os governos em todo o mundo implementaram ações como isolamento, distanciamento social e uso de máscaras para combater a propagação do vírus. O isolamento social se destacou como uma estratégia eficaz na prevenção, mas teve impactos significativos na vida das pessoas, gerando transtornos como ansiedade e depressão. A covid-19 trouxe consigo uma sombra silenciosa, a depressão, alimentada pelo distanciamento social, medo da doença e incertezas econômicas e sociais, afetando inúmeras vidas globalmente. A Covid-19 teve impactos severos no sistema de saúde, resultando na perda de milhões de vidas e sobrecarregando os sistemas de saúde devido à rápida disseminação do vírus.



[...] quarentena em epidemias prévias, reporta que a maioria dos estudos verificou efeitos psicológicos negativos, e que os principais fatores de estresse identificados foram a duração da quarentena, o medo da infecção, os sentimentos de frustração e de aborrecimento, a informação inadequada sobre a doença e seus cuidados, as perdas financeiras e o estigma da doença. Os estudos revistos relataram a ocorrência, nas pessoas em quarentena, de sintomas psicológicos, distúrbios emocionais, depressão, estresse, humor depressivo, irritabilidade, insônia e sintomas de estresse pós-traumático. Outros aspectos que vêm sendo identificados como estressores na pandemia de COVID-19 são a veiculação de informações falsas e sem base científica, as notícias alarmantes e o excesso de tempo dedicado às notícias sobre a pandemia,¹⁰ além de condições bastante concretas de falta de alimentos, de recursos financeiros e de medicação para outras doenças (Barros, 2020, p. 02)

A pandemia de covid-19 alterou drasticamente a vida pessoal de toda a população. Com o isolamento, foram implementadas novas/outras formas de comunicação e métodos de trabalho, como o *home office*, adotado rapidamente por muitas empresas sem planejamento prévio ou estrutura adequada, o trabalho remoto não foi uma opção para profissionais da saúde e de outras áreas consideradas essenciais, que tiveram que manter a jornada de trabalho presencial para as funções e profissões que permitiam isso, profissionais da saúde e de outras áreas consideradas essenciais, para as funções e profissões que permitiam isso, tiveram que manter a jornada de trabalho presencial. As redes sociais, como Facebook, WhatsApp, Twitter e Instagram, tornaram-se essenciais para a interatividade social, oferecendo conexão, informações e entretenimento durante o isolamento.

A pandemia também destacou a escassez de alimentos, especialmente entre pessoas de baixa renda, contribuindo para o aumento das desigualdades no acesso a alimentos e itens essenciais. O fechamento de comércios e empresas exacerbou uma crise que já existia, uma crise sanitária com consequências significativas nas relações socioeconômicas. Esse fechamento de comércios e empresas resultou em uma crise que exacerbou vulnerabilidades pré-existentes, uma crise sanitária com consequências significativas nas relações socioeconômicas. Até 09/05/2024, a pandemia causou 712.090 óbitos, segundo o Ministério da Saúde e as Secretarias Estaduais de Saúde.

O isolamento e a pandemia impactaram profundamente a vida das pessoas, destacando a importância da tecnologia para manter laços emocionais e redefinindo a maneira como nos conectamos e valorizamos as relações, enfrentando juntos os desafios dessa nova realidade.

Com base nas informações fornecidas sobre a covid-19 e em uma entrevista concedida por Natalia Borges Polesso para o canal de YouTube Paiol Literário (2022), a autora revela que incorpora elementos desse cenário pandêmico na construção de *A Extinção das Abelhas* (2021), mesmo sendo um romance que já estava em processo de escrita antes da pandemia. A trama se desenvolve no pós-pandemia, utilizando esse contexto como uma representação da realidade na narrativa distópica criada pela autora.



O contexto apresentado na narrativa nos conduz à visão de Antonio Candido (2009), que sugere que, ao ler um romance, é comum extrair a sensação de uma série de acontecimentos organizados em enredo, com personagens que vivem esses eventos. Esses elementos estão entrelaçados, influenciando e definindo mutuamente de maneira indivisível. Ao analisarmos o enredo, é inevitável pensar nas personagens que o protagonizam. No entanto, essas personagens não existem isoladamente; elas estão intimamente ligadas à sua existência, aos desafios que enfrentam e ao desenvolvimento de seus destinos, como exemplificado pela protagonista Regina.

De acordo com Candido, “não espanta, portanto, que uma personagem pareça o que há de mais vivo no romance; e que a leitura deste dependa basicamente da aceitação da verdade da personagem por parte do leitor.” (Candido, 2009, p. 53). Esse ponto de vista enfatiza como as personagens, com suas vidas, problemas e destinos, compõem a síntese que une e dá significado ao enredo. Candido argumenta que, ao nos envolvermos emocionalmente com as personagens, nos tornamos mais imersos na história, enriquecendo assim a experiência de leitura.

Retomando ao romance, em meio a esse cenário catastrófico, a degradação ambiental, a escassez de alimentos e o aumento da violência seguem em um ritmo crescente no país. A personagem Regina, parte dessa construção ficcional, traz consigo momentos vividos, transmitindo ideias e emoções por meio da narrativa criada. Ela descreve as eleições como terríveis e um divisor entre as pessoas, resultando em um silêncio instalado nas famílias.

Ela dizia “nossa casa” como se eu realmente fizesse parte dali. Eu até fazia. Ou tinha feito por algum tempo. Era uma daquelas coisas que se davam ao longo do tempo. Família de melhores amigos. Eu gostava também, mas nos últimos anos, especialmente depois das eleições catastróficas, um ressentimento silencioso tinha se instalado naquela mesa, nas paredes da casa, no ar. Um osso entalado naquela mesa, nas paredes da casa, no ar. Um osso entalado na goela. (Polesso, 2021, p. 40)

A escassez de medicamentos era alarmante, levando as pessoas a buscar novas formas de adquirir os medicamentos, uma vez que o sistema de saúde também estava colapsado.

Minha insulina tinha chegado no posto. Logo que recebi a mensagem fui buscar. Era sempre uma novela para conseguir medicação. Até eu começar a pagar alguém por fora e ela me avisar quando chegava. Só precisava ir lá buscar rápido, assim eu sempre conseguia quando tinha. Eu sei que não é legal. (Polesso, 2021, p. 31)

Na narrativa, ficamos sabendo que a companhia denominada “Agrotech” havia contaminado toda a comida, reservando alimentos mais frescos apenas para aqueles pertencentes à classe mais alta. Devido à ausência da fertilização natural das abelhas, impossibilitava-se cultivar hortas em casa, resultando na falta de produção de frutas.



Não tem Regina. Tá difícil de chegar, eles vendem tudo para empresa de refeição ou para esses mercados grandes, pra nós não sobra. Olha aí os tomates que vieram! Por baixo do caixote tudo podre. Esses safados da Agrotech atiraram as caixas e saem correndo! (Polesso, 2021, p. 31)

Esta passagem ilustra como a manipulação e o controle dos recursos alimentares afetam severamente a população, exacerbando as desigualdades sociais e econômicas dentro do contexto distópico criado pela autora. No romance encontramos diálogos repletos de referências aos desafios contemporâneos, de maneira a ressoar o período da pandemia. Seja ao abordar o medo, a escassez de medicamentos, bem como a pressão sobre o sistema de saúde, contrastando com a crise financeira nas residências e os lucros exorbitantes das empresas do agronegócio.

À medida que a população se habitua ao conceito do “novo normal”¹, em uma era pós-pandemia, onde o mundo busca se adaptar em diversos aspectos da vida. Paralelamente, os setores tecnológicos protagonizam um avanço acelerado, delineando uma nova dinâmica na sociedade.

A *Extinção das Abelhas* emerge como uma narrativa nos quais a mimesis presente desempenha um papel crucial. Sob o viés da mimesis, somos convidados a compreender, interpretar e expressar facetas do mundo atual. A trama, ao abordar a sobrevivência em meio à extinção das abelhas, torna-se um espelho da nossa realidade, revisitando cruciais da contemporaneidade.

A *Extinção das Abelhas* (2021) vai além de refletir a relação entre humanidade e natureza, também aborda questões urgentes como a crise ambiental e a busca por sustentabilidade. A interação entre personagens e cenários convida os leitores a uma reflexão profunda sobre a representação do real na literatura.

Antoine Compagnon (2001) destaca que, na era clássica, a literatura baseava-se na imitação, com Homero sendo o modelo perfeito. Imitar os clássicos, conhecido como mimesis, era o critério para classificar algo como literatura. No entanto, com o romantismo e, posteriormente, da modernidade, essa perspectiva foi alterada, e a literatura passou a adotar novos/outros critérios, adaptando-se às realidades do mundo contemporâneo.

Para Alexandrina Angela da Silva Neta, em *Leituras da Mimese* (2006), ao retomar as contribuições de Roland Barthes, a força da representação, ao tentar ter a realidade como referente, atinge, no máximo, uma ilusão referencial. Isso é conseguido principalmente através dos pormenores que produzem um efeito de real. No entanto, esses pormenores se referem apenas ao processo de representação e não à realidade propriamente dita. “Então, a literatura não fala do mundo, mas da própria literatura” (da Silva Neta, 2006, p. 24).

Se considerarmos tais aspectos, no caso do romance de Polesso (2021), podemos

¹ No romance, o “novo normal” apresentado é um cenário onde o sistema de saúde está colapsado, não há alimentos saudáveis para todos. Este cenário absurdo reflete a situação: pessoas desamparadas, sem empregos, e a comida contaminada pela única empresa que restou na produção agrícola. Houve um aumento da violência e, conseqüentemente, a segurança foi afetada.

percebê-lo com uma espécie de espelho que nos faz encarar – ou refletir, no sentido mais amplo do termo – sobre os desafios do nosso tempo. Ao alinhar a mimesis com a representação do real, destaca a capacidade da arte de nos confrontar com a nossa própria existência.

Regina: figura emblemática da solidão

A história da personagem se desenrola em um mundo pós-pandemia, dividido em três partes. Na primeira, Regina narra sua jornada individual em meio à sociedade pós-pandêmica, enquanto exploramos também a história de sua mãe décadas atrás, entrelaçando os destinos em um complexo mosaico temporal. A segunda parte revela o colapsômetro, testemunhando a devastação do mundo após a catástrofe. Fragmentos de notícias científicas, tecnológicas e políticas delineiam a desintegração progressiva do equilíbrio ambiental ao longo dos anos. No terceiro momento, uma epifania desafia a desesperança, provocando questionamentos sobre o futuro. Surge a reflexão sobre o papel individual e coletivo na reconstrução, sugerindo uma faísca de esperança em meio ao desafio aparentemente insuperável.

Com esse contexto, com a leitura de *A Extinção das Abelhas* de Natalia Borges Polesso (2021), somos confrontados, desde a primeira página, com uma afirmação contundente da personagem: “as pessoas vão embora, e isso é uma realidade” (Polesso, 2021, p. 11). A vida de Regina, aos 40 anos, não se assemelha a um conto de fadas, marcada desde cedo pelo abandono e pelo luto, destacando a temática da solidão.

Sua mãe vai embora, seu pai vai embora, sua namorada chata vai embora, sua melhor amiga-irmã vai embora, as pessoas que cuidaram de você desde pequena e que reluta em chamar de família de um jeito ou de outro vão embora, seus vizinhos vão embora. Você vai embora. Tudo some. Ora dessas morre. Você sai da vida das pessoas. Desaparece. Não sabe nada e, quando as vê, completamente diferentes. Não sabe de nada e, você acha estranhíssimo. Mas a estranha é você. As pessoas partem para outros lugares. As pessoas escolhem outro caminho. Ou caminhos por onde você nunca imaginou passar. Você esbarra em gente perdida. Você está perdida. Você quer ir até o fim, mas não faz ideia de como é ter que inventar e forjar uma voz cada vez que abre a boca. Você acha que isso é um direito garantido. Você já tinha pensado a respeito, mas só agora compreendeu algumas coisas. Todo mundo sonha. Todo mundo imagina algum futuro. **É mais comum do que imaginar algum passado, reinventar as perdas, reinventar a terra, o limo das coisas, o mofo, a erosão da matéria, da memória. Você é todo mundo, ainda que tenham te dito que não. E você não é todo mundo. Eu que sou qualquer coisa e, se posso sentir algo neste momento, sinto que estou sozinha.** (Polesso, 2021, p. 11-12, grifos nossos)

Regina se encontra nessa solidão, como uma sombra persistente, que envolve a alma em um silêncio profundo. No isolamento, descobrimos as paisagens internas, os ecos dos nossos pensamentos mais íntimos. Após ser abandonada por sua mãe, Regina enfrenta, aos 17 anos, a dolorosa perda de seu pai, buscando consolo no álcool para



enfrentar o luto. Ainda na infância, encontrou refúgio em uma nova família formada por Eugênia e Denise, suas vizinhas, que proporcionaram afeto e cuidado durante esse período difícil, o que acabou tornando as pessoas na qual ela identifica como família.

Novamente Regina acaba passando por outro luto, da sua gatinha Paranoia. Sua companheira por dezesseis anos. A protagonista fica devastada, “Não precisei andar muito. Paranoia estava debaixo de sua cobertinha no sofá. Olhos semiabertos. Imóvel. O cigarro caiu da minha boca. Tentei agarrá-lo, mas a boca era de choro.” (Polesso, 2021, p. 13). A protagonista fica em choque ao descobrir que a sua gatinha havia falecido e por dias ficou lamentando e enxergando a gata por vários lugares da casa. Subindo na cama, nas estantes, prateleiras e correndo pela casa.

Sei lá por quantos dias eu chorei. Não lembro. Lembro que enterrei o bichinho nos fundos de casa. Fiquei deitada na terra um tempão. Na mesma terra que enterrei Paranoia. Na mesma terra. Eu até quis fazer uma oração, mas tava cansada demais. Uma semana depois eu continuava vendo Paranoia passar atrás de um imóvel arranhando o sofá à noite, rasgando meus lençóis. **Não era o bicho, era a imagem do bicho, um borrão, acho.** Tipo o que o cigarro fez no chão, o que o fogo fez na casa, **uma mancha na paisagem. Uma sensação. Uma falta bem ali. Talvez o desejo de não estar tão desamparada agora.** (Polesso, 2021, p. 14, grifos nossos).

Em *Conceituação e definição de solidão*, de Ângela Pinheiro e Alvaro Tamayo (1984, p. 30-31) definem tal sentimento como sendo a “de falta de objetivo ou significado de vida, o qual é apontado por Bradley (1970) como um dos aspectos fundamentais para uma definição de solidão.” E podemos perceber essa falta de objetivo no trecho do romance a seguir:

Eu não fazia ideia de como as coisas podem mudar tanto em quinze anos, de como a coragem e a falta de noção dos meus vinte e poucos se transformariam na moderação e na empáfia dos trinta, tampouco imaginava que aos quarenta me sentiria tão absolutamente sozinha e inábil. (Polesso, 2021, p. 47).

A solidão é um estado intrínseco à condição humana, e se revela em um complexo que transcende a mera ausência de companhia. É crucial destacar a diferença entre estar sozinho e sentir-se sozinho, pois, ao abordar a solidão, estamos tratando de um sentimento, de uma experiência emocional que abrange a falta de diálogo, a ausência de contato físico e a carência de afeto e cuidado. Solidão vai além de simplesmente estar só; é a percepção de sentir-se só, uma sensação de desconexão, um desejo não satisfeito por companhia, e um sentimento de separação das pessoas que têm importância emocional para aqueles que vivenciam a solidão (Pinheiro; Tamayo, 1984).

Regina percebia que não fazia parte dos planos de Paula, sua ex-orientadora do mestrado. Paula, uma mulher de sessenta anos e professora universitária, evitava compromissos sérios, deixando Regina com um sentimento de solidão. Embora admirasse a praticidade de Paula, essa característica também era fonte de desconforto para Regina.



A Paula falou brevemente sobre os planos que tinha, e eu não configurava em nenhum cenário. Sempre foi assim. Aparecia do nada e para o nada partia sem dizer qualquer palavra que indicasse um nós. Disse que não queria ir ao cinema, que estava sem clima. Eu só bufei e ela foi embora. Me deu um beijo e foi embora. Falou que me ligava mais tarde, que tinha umas coisas para resolver, que precisava abastecer antes que a gasolina terminasse nos postos, porque era fim do mês. Eu tinha escolhido aquela mulher prática para amar. Se é que se escolhe amar. Eu entendia o egoísmo dela e o meu. Entendia as vontades dela e as minhas. Mas achava uma merda que fossem tão incomunicáveis. (Polesso, 2021, p. 29)

A personagem do romance parece carecer de um propósito de vida, experimentando uma solidão profunda. Essa sensação pode surgir quando a profundidade típica nas relações interpessoais é considerada temporariamente inválida, rompida ou subdesenvolvida. Essa abordagem está alinhada com definições de solidão que enfatizam a importância dos relacionamentos interpessoais. Citando Fromm-Reichmann (1959), afirma que a “solidão é um estado de pensamento no qual a pessoa deseja ardentemente que relacionamentos interpessoais em sua vida futura possam ser excluídos da esfera da expectativa ou da imaginação.” (Pinheiro; Tamayo, 1984, p. 33 *apud* Fromm-Reichmann, 1959).

Eu não sei como Eugenia entendia bem as coisas. Eu não sei mais se algumas pessoas chegam a se compreender de verdade ou sempre estivemos sozinhas. Não sei. Eu tinha vontade de voltar para algum lugar seguro, mas eu não sabia pra onde, não sabia se esse lugar já tinha existido. Eu queria ir embora, mas pra onde? Pra quê? Nessas horas, eu nem sabia bem porquê, mas pensava muito na minha própria morte. (Polesso, 2021, p. 177)

Regina reflete sobre sua solidão, desejando avançar em sua vida, mas incapaz de fazê-lo, permanecendo estagnada sem entender o motivo. Ela sente uma forte vontade de ir a algum lugar, mesmo sem saber para onde, manifestando saudade de um lugar que nunca visitou. Sua solidão é uma resposta emocional de insatisfação devido à ausência de elementos significativos, resultando em um tipo de isolamento que ressoa como um eco silencioso de desconexão emocional. Apesar do apoio de pessoas ao seu redor, Regina ainda se sente isolada, como se houvesse uma barreira invisível entre ela e os outros, manifestando-se como uma experiência interna e subjetiva.

Resistência e resiliência entre as mulheres

A capacidade de resistência é uma característica essencial da natureza humana, destacando-se como uma habilidade de persistir diante de desafios e adversidades. Para Alfredo Bosi (1996, p. 11), “o seu sentido mais profundo apela para a força da vontade que resiste à outra força, exterior ao sujeito”. Resistir é opor a força própria à força alheia”. Isso é notável no romance, especialmente no relacionamento entre as mulheres: Eugenia, Denise, Aline e Regina. Após a partida da mãe de Regina, e com seu pai se tornando alcoólatra devido a esse evento, as vizinhas passaram a frequentar mais a casa de Regina.



Após a morte do pai, no final da adolescência dela, Eugenia e Denise, que mantinham um relacionamento homoafetivo, decidem adotar Regina como filha, mesmo sem um acordo jurídico formal. Essa relação é marcada por cuidado constante, representando uma forma de família para Regina.

Com doze anos, era comum eu mesma me servir antes dele. Com quinze, ele parou de trabalhar e passou a feder cachaça todos os dias. A Eugenia vinha conversar com ele e me levava para dormir na casa dela e da Denise. Eu gostava de ajudar a cuidar da Aline. Ouvia meu pai gritar puta vagabunda e ouvia a Eugenia ponderar sobre as coisas. Com dezesseis pra dezessete, eu é quem passei a cuidar dele. Chorava muito à noite. Reclamava de dores no estômago. Tentei levá-lo a médicos, clínicas, benzedadeiras. Denise começou a vir aqui em casa com mais frequência, ver como tudo estava. Passava sermão no meu pai. Ameaçava com responsabilidades idiotas. Passei a dormir mais vezes lá. (Polesso, 2021, p. 71).

Com o mundo à beira do colapso, a escassez de alimentos e a crescente violência levam as mulheres a se unirem em solidariedade em *A Extinção das Abelhas*. Após um episódio traumático em que Aline é vítima de estupro, suas amigas Eugênia, Denise e Regina a acompanham ao hospital em busca de apoio. Lá, são informadas sobre a necessidade de Aline iniciar um tratamento com PEP (profilaxia pós-exposição), formado por medicamentos antirretrovirais após um possível contato com infecções sexualmente transmissíveis, dentro de 72 horas. Apesar da gratuidade do medicamento, a escassez deste exige um pagamento:

Denise abriu a carteira e puxou um bolo de dinheiro sem nem se importar. Sem nem questionar o fato de que estava pagando pela profilaxia do estupro da sua filha, que deveria ser gratuita, que estava escrito que era gratuita. Mas ela não sabia. Não questionou. Nem olhou os papéis. Pagou por que disseram que era mais um procedimento-padrão. Naquele momento todo estavam sendo terrivelmente solidários. Eu só conseguia pensar no quão absurdo era o mundo. (Polesso, 2021, p. 89).

No enredo, também se destaca outro episódio que evidencia a resistência e resiliência entre as mulheres. Devido à escassez de medicamentos e à alimentação precária, Regina adoece a ponto de necessitar internação devido ao diagnóstico de pneumonia:

— Não é nada, não se preocupem — eu disse pra Eugênia. Ela só balançou a cabeça e disse que Denise estava vendo como me transferir para o hospital do plano de saúde.
— Por que tu veio pra cá? Por que não falou pra gente que não tava conseguindo pagar o plano?
— Eu nem pensei em falar pra vocês, nem me ocorreu. (Polesso, 2021, p. 89).

A resistência e a resiliência entre as mulheres do romance *A extinção das Abelhas* (2021) destacam como uma narrativa de força e determinação em meio ao colapso que permeia a história. A habilidade dessas personagens de se adaptarem a contextos



frequentemente adversos é uma clara demonstração de resiliência, transformando desafios em oportunidades tanto para o crescimento pessoal quanto coletivo.

Ao longo do romance, a notável força coletiva das personagens femininas ressalta não apenas a superação de desafios individuais, mas também a construção de um legado coletivo. Enfrentando o colapso descrito na trama, a resiliência das mulheres se torna um elemento central, evidenciando uma capacidade excepcional de enfrentar adversidades dos problemas que surgem durante a narrativa. Nesse contexto desafiador, a história dessas mulheres se revela como uma inspiradora ode à resiliência e à força coletiva dessas personagens.

Considerações finais

Em síntese, a narrativa de Regina retrata vividamente a solidão, destacando a dificuldade de superar a barreira emocional que a separa dos outros. Ela enfrenta questionamentos dolorosos sobre a partida das pessoas ao seu redor, sem vislumbrar um futuro claro para sua vida pessoal. Enquanto isso, o mundo ao seu redor desmorona, mergulhado em crises, pobreza e criminalidade.

A *Extinção das Abelhas* mergulha profundamente na exploração da solidão e da solidariedade entre as mulheres em meio a um mundo colapsado. A resiliência delas se destaca diante dos desafios impostos pelas instituições, pelo ambiente, pela violência e pela escassez de recursos alimentares.

A representação do colapso na obra reflete a degradação ambiental, o aumento da violência e a crise financeira enfrentada pelo país. Embora ambientada em um futuro pós-2020, marcado pela pandemia de covid-19, a história ressoa com os desafios vivenciados durante o isolamento social imposto pela pandemia. Esses desafios incluem a escassez de alimentos, a superlotação nos sistemas de saúde e a depressão decorrente do isolamento.

Referências

BARROS, Marilisa Berti de Azevedo *et al.* Relato de tristeza/depressão, nervosismo/ansiedade e problemas de sono na população adulta brasileira durante a pandemia de COVID-19. **Epidemiol. Serv. Saúde**, Brasília, v. 29, n. 4, e2020427, 2020. Disponível em: http://scielo.iec.gov.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1679-49742020000400021&lng=pt&nrm=iso.&tlng=pt. Acesso em: 17 jun. 2024.

BOSI, Alfredo. Narrativa e resistência. **Itinerários**, Araraquara, n. 10, p. 11-27, 19 dez. 1996. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/itinerarios/article/view/2577/2207>. Acesso em: 21 jun. 2024.

CANDIDO, Antonio *et al.* **A Personagem de Ficção**. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2009.

COMPAGNON, Antoine. **O demônio da teoria: Literatura e senso comum**. Trad. de Cleonice Paes Mourão e Consuelo Fontes Santiago. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001.

DA SILVA NETA, Alexandrina Angela. Leituras da Mimese. **Em Tese**, v. 10, p. 22-28, 2006.



PAINEL CORONAVÍRUS. Coronavírus // Brasil. Secretarias Estaduais de Saúde. Brasil. Disponível em: <https://covid.saude.gov.br/>. Acesso em: 17 jun. 2024.

PAIOL Literário com Natalia Borges Polesso. **YouTube**, 07 dez. 2022. [S. l.: s. n.], 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Yj3zkWbK7Go>. Acesso em: 21 jun. 2024.

PINHEIRO, Ângela de Alencar Araripe; TAMAYO, Alvaro. Conceituação e definição de solidão. **Revista de Psicologia**, Fortaleza, v. 2, n. 1, p. 29-37, 1984.

POLESSO, Natalia Borges. **A extinção das abelhas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

NOTAS DE AUTORIA

Karen Larissa Martins dos Santos (karenlarissa938@gmail.com) é doutoranda em Estudos de Linguagens pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), Mestra em Estudos Literários pela Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS) em Campo Grande, Brasil. Graduada em Letras pela UEMS (2019), com ênfase em Literatura. Membro do grupo de pesquisas/CNPq Crítica Feminista e Autoria Feminina: Cultura, Memória e Identidade. Interessa-se por literaturas contemporâneas, violência contra a mulher, feminismo, literatura e escrita feminina, e estudos da violência.

Agradecimentos

Não se aplica.

Como citar esse artigo de acordo com as normas da ABNT

SANTOS, Karen Larissa Martins dos. A extinção das abelhas, de Natalia Borges Polesso: solidão e resistência nos vários colapsos do nosso tempo. *Anuário de Literatura*, Florianópolis, v. 29, p. 01-12, 2024.

Contribuição de autoria

Não se aplica.

Financiamento

Não se aplica.

Consentimento de uso de imagem

Não se aplica.

Aprovação de comitê de ética em pesquisa

Não se aplica.

Conflito de interesses

Não se aplica.

Licença de uso

Os/as autores/as cedem à Revista Anuário de Literatura os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a [Licença Creative Commons Attribution \(CC BY\) 4.0 International](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/). Esta licença permite que terceiros remixem, adaptem e criem a partir do trabalho publicado, atribuindo o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico. Os autores têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada neste periódico (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico.

Publisher

Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Literatura. Publicação no [Portal de Periódicos UFSC](https://portal.periodicos.ufsc.br/). As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus/suas autores/as, não representando, necessariamente, a opinião dos/as editores/as ou da universidade.



Histórico

Recebido em: 18/06/2024

Aprovado em: 10/09/2024

Publicado em: 26/10/2024

